OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.° á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

10.° ANNO — VOLUME X — N.° 294

21 DE FEVEREIRO 1887

REDACÇAO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇAO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Aqui ha tempos, quando em Lisboa reinou epidemico o *spiritismo* — que ainda hoje para ahi lavra, mas endemicamente, tendo já perdido a intensidade do contagio, como acontece ás doenças que se acclimam n'uma região qualquer — dizia-nos com muito espirito, um sugeito d'idade, que tem visto muito mundo e muitas coisas:

— Esta nossa sociedade de hoje, é uma sociedade perfeitamente original, não crê em Deus, e acredita na mesa de pé de gallo!

E effectivamente é assim. A corrente positivista arrasta os espiritos; se a sciencia não illumina todos, o scepticismo domina os restantes; os crentes em qualquer coisa são rarissimos; tudo o que a sciencia experimental não explica é regeitado terminantemente, com um grande desdem superior e no meio de tudo isto, no meio d'este seculo de sciencia e de indifferença, basta que appareça um medium a evocar espiritos, ou um magnetisador a fazer adivinhações, para que todos esses incredulos desdenhosos, corram cheios de curiosidade, de espanto e de interesse, a assistir ás suas sessões, promptos a acreditar em tudo, a admittir o sobrenatural, o phantastico, com a convicção profunda dos convulsionarios de Saint-Medard.

E este phenomeno não se dá só em Lisboa, dá-se nas capitaes mais civilisadas, nos povos mais adiantados, nos homens mais illustres, porque no fim de tudo não representa um modo de ser especial da nossa terra e da nossa sociedade, representa essa tendencia innata no espirito do homem para tudo que é maravilhoso, essa attracção poderosa, que desde a mais remota antiguidade, o sobrenatural, o phantastico, tem exercido sempre sobre a alma humana.

Ha annos foi o spiritismo, que, não sei como, se propagou por toda Lisboa e fez uma verdadeira revolução na nossa terra. Não havia casa particular onde ás noites as pessoas mais circumspectas, mais graves, mais illustradas, não cavaqueassem com os mortos e as mezas de pé de gallo, tiveram uma procura tal que até lhes fez augmentar os preços.

No theatro de D. Maria fazia-se spiritismo todas as noites nos camarins dos actores; aconteceu muitas vezes que no palco o numero dos espectadores era muito superior ao d'aquelles que estavam na *sala* de espectaculo.

E havia crentes ardentissimos, cheios de convicção e não só entre a gente illetrada, entre a gente ignorante: rapazes muito intelligentes, homens muito illustrados andavam perfeitamente convencidos do spiritismo, e lembro-me perfeitamente d'um d'elles, um amigo meu, escriptor de talento e homem de sciencia, que dizendo-lhe eu uma noite, ao pé da tabacaria do Neves, que pensava em fazer uma comedia, tendo por assumpto o spiritismo, me aconselhou cheio da mais nobre convicção:

— Não faças isso, é uma peça que cae perante o publico indignado, porque o spiritismo hoje é já uma religião!

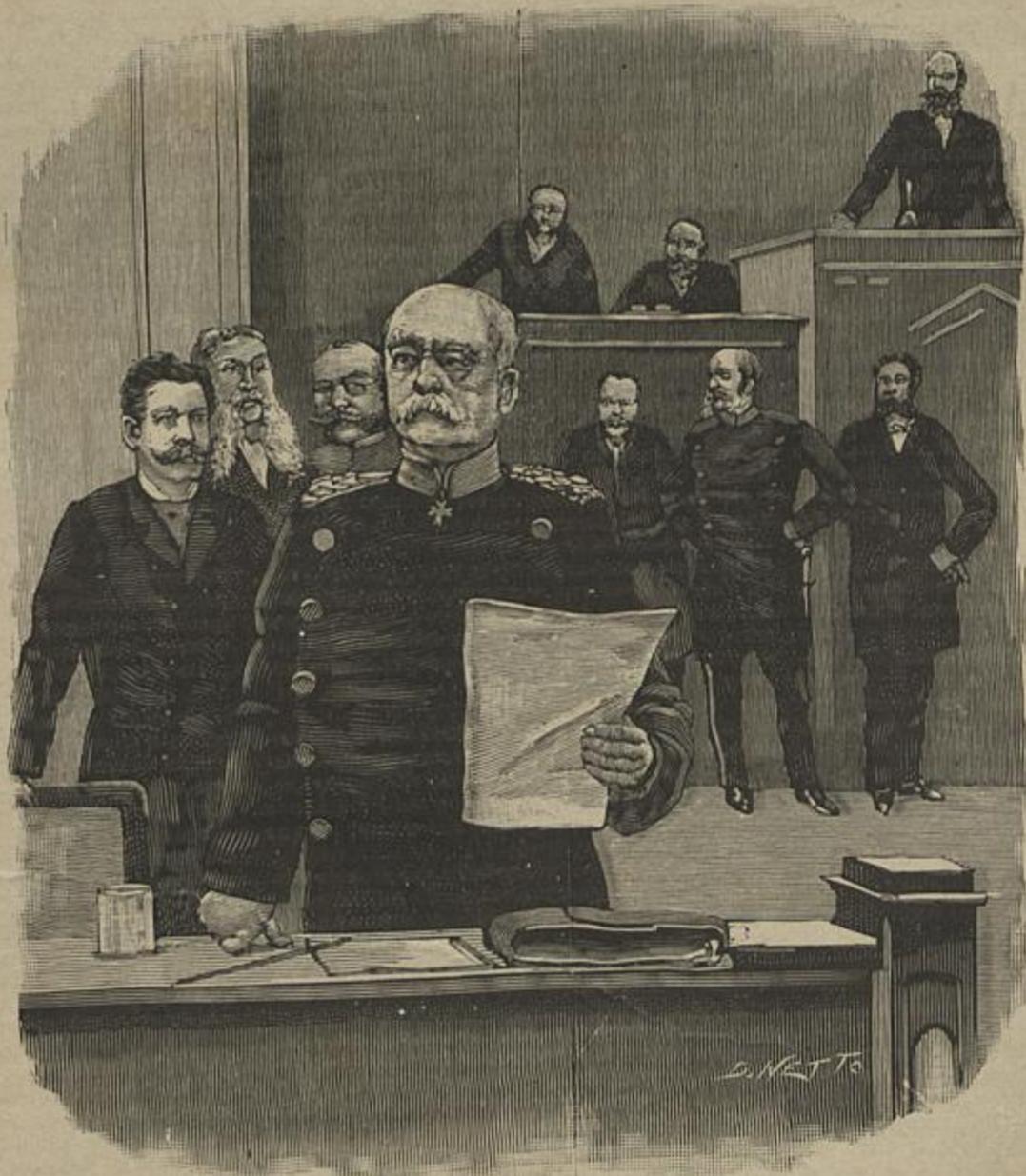
O que vale é que estas coisas são como os vapores do vinho, passam depressa, e que d'alli a poucos dias esse meu amigo ria a bom rir dos seus convictos enthusiasmos spiritistas.

Eu, que não sou de maneira nenhuma homem de sciencia, tenho-me conservado sempre, em frente d'esses phenomenos sobrenaturaes, n'uma espectativa prudente, e com muito boa vontade, confesso-o, submetti-me a varias experiencias de *spiritismo*, prompto a confessar-me publicamente um crente de Allan Kardec, desde o momento em que me forem dados pessoalmente, directamente, provas de convicção.

E até hoje, meus senhores, tenho ouvido contar maravilhas do spiritismo, mas por um acaso singular, essas maravilhas nunca se operaram em sessões a que eu assistisse, nunca se fizeram a meu favor.

Entretanto não perdi ainda as esperanças e não peço melhor do que ser convencido.

E continuo a procurar sel-o.

Aqui ha mezes convidaram-me para ir a uma casa onde se faziam todas as noites sessões de spiritismo e magnetismo, com grandes e maravilhosos resultados.

BISMARK NO REICHSTAG

Fui logo.

Infelizmente n'essa noite a sessão não deu nada. É azar meu.

O spiritismo ali não era feito por meio de mesas, era mais aperfeiçoado, por meio de *mediums* escreventes.

Convidaram-me a invocar o spirito de qualquer pessoa de quem eu conhecesse a lettra. Invoquei o mentalmente.

O *medium* fartou-se de escrever varias lettras, mas nenhuma d'ellas era a do tal espirito. Então pediram-me que dissesse o nome do *spirito* que invocava porque as invocações mentaes falhavam muitas vezes.

Disse o nome, mas a lettra não appareceu.

Entretanto appareceu um *spirito*, que me disse:

— Sou eu.

— Mas a lettra não é a tua. Eu não me conformo muito com esta semcerimonia com que se tratam os espiritos, — tu cá tu lá — mas é o estylo usado e submetti-me a elle.

— Não te importes com a lettra, sou eu.

E deu-me o nome, que eu em voz alta tinha invocado.

— Bravo, então se és tu, dize me d'onde me conheces.

— Do mundo, respondeu e espirito sem hesitar.

— Muito obrigado. Mas de que terra.

— De Lisboa, tornou elle depois d'um bocadinho de hesitação.

— Exactamente, de que sitio? Onde foi que me conhecestes?

O espirito esteve um pedaço sem responder.

— É que está a ver se se lembra, explicou-me amavelmente, cheio de convicção, um dos crentes *habitués* das sessões.

— Bem sei, é espirito que como muito queijo. D'ali a momentos o *medium* escreveu:

— Da secretaria do Reino.

E olhou para mim.

— É? perguntou me.

— Não senhor, quando esse spirito sahiu d'este mundo ainda eu não tinha entrado para essa secretaria.

— Vamos a ver se elle se recorda, disse o crente d'ind'agora, e voltando-se para o *medium* perguntou-lhe como se estivesse fallando com o Taborda:

— Não foi ahi, tu enganaste-te.

— Enganei, respondeu o espirito.

— Então dize lá onde foi?

O *medium* principiou a fazer rabiscos, a mão a tremer-lhe muito e a traçar caracteres inintelligiveis.

— O que vem a ser isto?

— É outro espirito que se metteu na conversa, explicaram-me. E é espirito attribulado, coitadinho!

E o espirito que eu invocára desappareceu, e não poude dizer mais nada.

E as minhas experiencias têem sempre ficado por estas alturas.

Ora eu dou-lhes a minha palavra de honra que não invento nada, que a scena que conto se passou exactamente assim e faço esta declaração, por que encontrei hontem n'um livro que trata de magnetismo applicado á dupla vista, uma scena que se parece muito com a minha, e que mostra que os processos seguidos pelos magnetisadores advinhos se parecem muito com os seguidos pelos *mediums* spiritistas.

A scena a que me refiro foi passada com Mery, com o Grisier, o celebre professor de esgrima, um magnetisador e uma somnanbula que tinha dupla vista.

Hypnotisada a mulher, o magnetisador deu-lhe uma madeixa de cabellos.

— De quem são estes cabellos? perguntou.

— D'um homem.

— Onde está esse homem?

— Viaja.

— Para que lado?

— Para o meio-dia... não, vai para o norte... Vou seguil-o.

Entra no caminho de ferro.

— Vae para alem de Bruxellas?

— Vae.

— Para alem de Berlin?

— Sim.

— Para uma grande capital?

— Sim.

— S. Petersburgo?

— Exactamente. Espere... sae do comboyo... entra n'uma grande rua... sobe a um grande palacio... Torna a sahir... toma a direita... Ai! meu Deus! passa uma carruagem entre mim e elle... perdi-o de vista... ah! estou cançada!... soffro muito! Accorde-me!

E o livro d'onde traduzimos esta scena conclue dizendo, que dentre 100 sessões de dupla vista, 99 acabam sempre assim.

Ora nós não trouxemos isto aqui na intenção de querer provar que o magnetismo é uma mentira, uma mystificação.

Não o é com certeza, e a sciencia tem-n'o demonstrado hoje eloquentemente, em successivas experiencias triumphaes.

Mas a mystificação onde está, é n'esse magnetismo que advinha o futuro, que renova o conde de Fenix e Cagliostro, e que tem muito mais de prestidigitação do que de sciencia.

E tudo isto nos foi suggerido pela bulha enorme que fez em Lisboa a apparição do advinho Cumberland.

Essa bulha tambem foi rapida, passou depressa aqui, como passou tambem em Madrid, e cá, como lá, já muita gente fez as mesmas coisas que Cumberland fez, e que constituem no fim de contas um talento de sociedade, como os passes de cartas ou a advinhação de proverbios.

Mas o successo de curiosidade que despertou Cumberland foi enorme, unicamente porque se lhe attribuiam poderes mysteriosos, phantasticos, sobre naturaes, e o insucesso que se seguiu á sua sessão foi exactamente por não se ter encontrado esse phantastico que se esperava.

Um espectaculo que deve o seu grande successo a ter o seu que de phantastico é a *Nitouche* no theatro dos Recreios.

Para toda a gente que tem ido ver o celebre Vaudeville afigura se-lhe sobrenatural o primor de desempenho, que a essa peça dão todos os artistas, que n'ella entram, e em primeiro logar Lucinda do Carmo e Joaquim d'Almeida.

E effectivamente he alli um prodigio, um d'esses prodigios que só sabe fazer o talento; uma notavel actriz de drama e de comedia transformada de repente em *diva* de operetta.

N'um primeiro passo galgar logo todo o caminho, entrar assim triumphalmente n'um genero especial e difficil como é a operetta, alcançar immediatamente na primeira prova o primeiro logar e fazer d'uma tentativa uma apotheose, é um prodigio que tem muito mais de maravilhoso, que todo o sobrenatural do sr. Cumberland.

Joaquim d'Almeida é extraordinario de graça no papel duplo de Floridor e Burromeu, e todas as noites um publico composto de tudo o que ha de mais distincto em Lisboa, enche a sala do theatro dos Recreios, d'esse theatro cuja feliz transformação noticiámos na nossa ultima chronica, e applaude doidamente Lucinda do Carmo, a prodigiosa Mam'zelle Nitouche, e Joaquim d'Almeida, o phantastico organista, e Guilhermina de Macedo, e Mello, e Pinheiro, e Valle, e Carlos Rocha, e Lima, todos esses artistas que se puzeram em evidencia com o desempenho primoroso e inesperado que deram á formosa opereta, a essa opereta que Mello ensaiou magistralmente, para que Rio de Carvalho escreveu uma musica lindissima, e que está sendo o grande acontecimento theatral de Lisboa.

O Gymnasio teve tambem n'esta semana uma festa brilhante — o beneficio de Leopoldo de Carvalho, o victoriado e talentoso ensaiador d'aquelle theatro.

N'essa noite representaram se duas comedias novas, que agradaram muito, uma em 3 actos, *O bigamo*, que tem graça ás mãos cheias, e é desempenhada optimamente por Valle, Gama, Silveira, Telmo, Soccorro, Pinheiro, Cardoso, Jesuina, Emilia Lopes e Adelina, e outra em 1 acto, *Como nós por nossa casa*, muito movimentada, muito alegre, e que foi traduzida engraçadamente por Leopoldo de Carvalho.

Queiroz, um dos mais queridos actores da Trindade, fez tambem beneficio n'esta semana carnavalesca com uma peça propria do tempo, um disparate em 3 actos, *O Papão*, que faz rir muito e tem musica alegre, segundo nos dizem, porque ainda a não vimos.

E com esta actividade toda os theatros de Lisboa lançaram-se no carnaval, a sua melhor epoca do anno, a epoca em que todos se querem divertir.

E parece que este anno o carnaval será muito animado em Lisboa, primeiro porque o tempo segurou e os dias estão lindissimos, frios como quê, — mais uma razão para se dançar, para se foliar; — segundo porque este anno, não sabemos porquê, paira sobre a população de Lisboa a febre de divertimentos carnavalescos, e ha que tempos que nas ruas estouram as castanholas e chiam as vozes esnaniçadas das mascarns populares.

Os bailes publicos teem sido concorridissimos, bailes particulares tem havido poucos, mas houve um que pelo seu excepcional brilho valeu por todos, o baile com que a sr.ª duqueza de Palmella solemnisou na quarta feira passada os annos de sua filha, a sr.ª marqueza do Fayal.

Dizem-nos maravilhas d'esse baile, que foi uma festa esplendida, como todas as festas dadas em casa da sr.ª duqueza, essa illustre senhora que, pelo seu nascimento, pelo seu talento, pela sua illustração, occupa o primeiro logar no nosso mundo elegante.

Gervasio Lobato.

O SEXTO SALÃO

Talvez interessasse alguem um balanço comparativo da sexta exposição de trabalhos de pintura e d'esculptura, promovida pelos artistas aggremiados no *grupo do Leão*, com as que triumphadoramente a antecederam e véem estabelecendo e avigorando, com ella, uma corrente de tradição artistica, enraizada e viva, que é uma excepcional força, um impulsivo estimulo, e um premio glorioso para os seus iniciadores; mas arredo-me com prudencia e escrupulo d'esse genero d'analyse confrontadora, porque o acho absurdo e esteril. Embora proceda do esforço da mesma collectividade d'individuos, uma serie qualquer d'exposições d'esta ordem não póde apresentar um caracter d'uniformidade, de parentesco, ou de correlação — desoladora, porque denunciaria uma estacionaria inercia, revelaria uma verdadeira paralysia angustiante do movimento creador; e nem mesmo se lhe deve exigir, absolutamente, que ascenda sempre n'uma escala progressiva, quando não se ignore que todas as manifestações do trabalho intellectual, e sobretudo das nossas faculdades d'interpretação e d'expressão das cousas surprehendidas na realidade, soffrem forçosamente as fluctuações sem numero, que derivam d'infinitas e indiziveis circumstancias casuaes.

Talvez agradasse tambem a certa gente um rompimento definitivo da critica açulada e irada, contra a multidão de pequeninos quadros, que usam encher estes batalhantes *salões* nacionaes, quasi exclusivamente; mas, ahi está! — é preciso que uma pessoa conscienciosamente attenda ás condições actuantes do meio, por emquanto inimigas e tolhedoras da producção artistica. Os palacios ducaes para decorar e ornamentar não abundam, acho eu; as encommendas particulares não existem; e com as acquisições do estado nem sequer sonham os mais ambiciosos artistas, nas orgias descabelladas dos seus vertiginosos pezadellos aureos. Ora, se os governos se contentam e accommodam com o fradesco museu das Janellas Verdes, carunchoso e defumado, que exemplifica perfeitamente a mumificação da Arte sob a influencia official, e se obstinam em não lhe bolir, recusando-se a introduzir algumas telas modernas, como uma transfusão alegre de vida, entre aquellas velharias mais ou menos santarronas; e, se apparecem apenas os pequenos compradores, que simplesmente desejam pôr ligeiras impressões da natureza nas suas salas pouco vastas, é claro que ninguem se precipita na folia vaidosa de fazer grandes obras, só para o desenganado effeito de ter de as guardar, e á procura limitada correspondem naturalmente os quadros de folego restricto, ainda que muita vez d'execução notavel.

De resto, convém repetir que nunca é no tamanho, que reside o valor d'um trabalho d'arte.

Mercê da sua solida reputação, laboriosamente ganha a custo de talento, Silva Porto adquiriu o direito — remunerado de pintar, cada anno, um quadro de largo formato. Intitula-se a *Volta do mercado*, o que elle nos exhibiu d'esta feita. Tres pardos burricos regressam d'alguma feira saloia, carregados com os alforges symetricos, emquanto um pachorrento cão amarellado se atravessa na azinhaga soalheirada, com risco de ser atropellado; ás costas dos que trotam á frente sentam se duas camponezas, uma nova e risonha, a outra velhota, mãe e filha provavelmente; e no terceiro, que vem atraz, monta-se um bom homem de suiças, com o seu chapeu desabado. Na plena luz quente, cahida do ceu claro, as mulheres abrigam se á sombra dos seus enormes guardasóes, um azul, outro vermelho, como as flôres das cearas; as grossas piteiras carnudas e metalicas, d'uma aspera e poenta tonalidade verde, bordam e corôam os vallados areentos, e, n'uma linha graciosa, uma d'ellas hasteia no ar o seu alto mastro enflorado; depois, para além, sob as raras manchas verdenegras das oliveiras, estendem-se as terras nuas e rapadas, subindo levemente para

o horisonte, onde se arredonda o vulto alvejante d'um moinho de vento, tristemente desazado. E toda a paysagem arida dos arrabaldes lisboetas, colhida aqui n'uma reproducção sincera e caracteristica, e cercando essa pobre cavalgata, familiar e modesta, que avança pacatamente. E alguem que, á vista do titulo, esperasse encontrar o espectaculo de gentes bebedas e armadas de varapaus, carriolas turbulentas, e manadas de gado caminhando na classica nuvem de poeira, poderia ficar um pouco desapontado, diante d'este quadro tão sobriamente composto; mas assim é que elle bem realisa a verdade, avêssa geralmente aos ruidosos apparatos, que a habilidade inventiva combina e dispõe; e bastará que Silva Porto nos dê todos os annos uma obra egual, digna como a *Volta do mercado* de se emparceirar com os *Campinos*, os *Bois*, a *Salmeja*, — para que opulentamente consiga prendar a arte portugueza com uma incomparavel galeria de scenas da vida rustica do nosso paiz.

D'entre os não muito numerosos quadrinhos expostos pelo mestre paysagista, destaco o das *Margens do Nabão*, uma maravilha de côr suave e repousada, com o seu manso riacho azulado pelo reflexo da atmosphera limpa, correndo entalado nas verduras. Com a sua esbelta palmeira fartamente bracejada e como bronzea, posta ao lado dos muros baixos e caiados da cisterna, ao centro da planura coberta d'uma hervagem secca, o luminoso estudo do *Poço em Carnide* é tambem encantador, e tem não sei o que d'oriental. N'outros, porém, ha vestigios evidentes d'observação incompleta, que a execução esboçada com firmeza, exuberante na mancha impressionista, não resgata de todo.

Os tres retratos de creanças pintados por Antonio Ramalho são d'uma delicadeza singular, feitos n'uma maneira nova entre nós, n'uma attrahente maneira original, em que á nitidez cuidadosa do desenho se casa uma requintada graça de factura. Nas frescas e avelludadas carnes rosadas vê se um modelado seguro, e nos cabellos uma elegancia de toque admiravel; mas, nos fundos empastados, as figuras sobresáem pouco. A cabeça do menino Gil Guedes é d'uma bella naturalidade, respira e vive; sómente, as alvas rendas que pousam nos seus hombros estão detalhadas tão miudamente, que offerecem um aspecto frio. Os olhos negros do menino F. Ganhado, saltantes na saliencia molle das palpebras, parecem excessivamente bogalhudos. Quanto ao busto gracil da menina Margarida G. Cabral, lembra positivamente um pastel, com tal finura as escabrosidades vigorosas das tintas d'oleo foram vencidas. Esta pintura é deliciosa, e d'uma distincção desusada, innegavelmente; comtudo, porque d'ella resulta uma suspeita d'amaneiramento, eu cá — mal aconselhado sem duvida por uma tendencia especial do meu espirito, — preferiria achar uma robustez d'execução desenvolta, no logar da minudencia exquisita e sabia, e a rica intensidade da côr, em vez d'aquelles doces tons esbatidos.

Oppondo a resistencia superior da arte, — que tambem serve, por vezes, de perpetua chronica pittoresca dos costumes d'uma cidade ou d'um povo, — á destruidora acção d'um ukase ministerial, Malhôa quiz vingar da irrespeitosa decadencia, a que foi condemnado despoticamente, o *bando de S. Jorge*, e memorou o n'uma curiosa e vistosa tela. Perfilados n'uma attitude de descanso, que tem o inconveniente de os mostrar como humildes modêlos pacientemente parados, os pretos arautos d'aquella quadrilha grotesca e archaica, que fez o regalo da população lisboeta quando espairecia e pompeava na procissão realenga do Corpus Christi, viram se todos para o espectador, e sopram rijamente com pandas bochechas nas suas frautas e trombetas reluzentes, rufam nos seus tambôres; trajam tafulamente, a rigôr, as opas escarlates agaloadas, nas cabeças ostentam os bicudos chapeus emplumados; e, bem aproveitada a abundancia variegada do colorido, as figuras acham-se robustamente postas. Como defeito saliente, apenas indicarei que a tonalidade branca das grosseiras calças e dos colletes confunde se, péga-se com a illuminada alvura da parede do fundo. Que o pintor enthusiasta sympathisou decididamente com a carapinhosa raça negra; prova-o ainda o soberbo estudo da *cabeça* d'um preto carrancudo e beiçudo. A paysagem da *Praia dos corvos* é extremamente artificiosa; e accentua-se n'ella, como na maioria dos quadros gritantes de Malhôa, uma propensão inveterada para exacerbar os effeitos do claro-escuro até á violencia, — a qual classifica mesmo, frisantemente, o temperamento declarado d'este artista. Por isso a sua pintura toma quasi sempre uma apparencia rebrilhante, mas dura, e com pedacitos que se julgariam esmaltados.

Greno expôz uma cabeça de mulher magnifica, pincelada com frescura e vigôr. E tem uma discipula, D. Josefa Garcia Greno, que lhe dá grande honra. Decerto, pouco falta a esta senhora para ser uma pintora completa; conseguiu já uma maneira sua, larga e segura, e compõe agradavelmente os seus captivantes quadrinhos de fructas e florações diversas, enconchadas ostras e camarões vermelhentos; e maneja a côr com certeza, conhecedôra do officio, deixando apenas um ou outro detalhe confuso. Apartando, a tentadora tela das *Papoulas e botões d'ouro*, onde um bocado das rubras flores dos campos, velludosas e espessas de seiva, desce sobre um ladrilho d'azulejo desbotado, ao pé d'um faiscante jarro de cobre, em cujo bôjo polido se alastra uma forte mancha de luz, é d'uma espontaneidade d'execução surprehendente.

D. Bertha Ortigão pintou com uma verdade inexcedivel os *Arenques* e o rotundo frasco de vinho branco, o transparente copo esverdeado, e outros petrechos de pitança, reunidos n'um canto de meza, em companhia do bom cachimbo queimado, que nos falla de muitas fumaradas saborosas, gosadas pacificamente emtanto que se apura o chylo; e nenhum dos variados estudos expostos pela mesma senhora, paysagens, ramalhetes de rosas, um costume, um trio de gordos gatos, pratos floridos de pinturinhas decorativas, attinge a naturalista perfeição de factura d'esse bonito quadro caseiro. Um promettedor debutante, Carlos Reis, apresenta-se vantajosamente, com decisivas e expeditas qualidades de côr e um gosto meridional da radiosa luz; a fórma inquietante, porém, embaraça o ainda, e elle procura illudil a por meio da turbulencia caprichosa do toque esfregado em borrão. E um systema defeituoso, que desapparecerá consoante a compenetração profunda e seria das responsabilidades da arte fôr vencendo a inexperiencia fantasista do moço pintor, para que se manifeste só, desafogadamente, o seu nativo talento de colorista. Vaz continua a ser o elegante explorador das marinhas do Sado, mais amavel com os espaços pardacentos ou azulados dos ceus e das aguas, que trata cuidadosamente, do que com as figuras aleijadas e tropegas, que desoladamente povoam os seus quadros No *Panier renversé*, — um titulo cujo exotismo precioso se não deve estranhar, attendendo a que o artista vive na sertaneja e remota provincia, — Vieira confirma a sua felicidade magistral, como pintor das abertas rosas luxuriantes e jocundas. Gyrão assumiu uma proficiencia indiscutivel, na difficil pintura dos coelhos e gallinaceos. A paysagem enviada por M. H. Pinto, cheia d'um denso arvoredo, em que o outomno entremeia effeitos amarellentos e ferruginosos na pobre verdura empallidecida, foi escrupulosamente observada e executada. E para o arejado quadro *Na eira*, apesar da sua deploravel côr crua, Christino soube ao menos escolher um dos episodios capitaes do trabalho da terra, um assumpto movimentado e impressionante, — cousa louvavel que, de passagem se consigne, raramente accommette a preguiçosa inspiração inexigente dos nossos paysagistas, pouco dados ao diligente rebusco de motivos imprevistos e realmente interessantes.

A marca typica da maneira de Ernesto Condeixa é a tenacidade consciente na construcção demorada e detalhada da sua pintura, o arduo trabalho repisado, sem a vibração d'um esses toques rasgados, que logo avultam como traços palpitantes de vida. Os seus retratos hão de parecer-se com as pessoas copiadas, — todos nos sentimos dispostos a ficar por isso; e não se duvida da fidelidade carinhosa com que elle transportou para as suas numerosas telas uma infinidade d'assumptos, regularmente triviaes; mas nunca no seu processo de factura, calmo e frio, reponta a victoriosa franqueza alentadora. Tem, designadamente, paysagens d'uma inferioridade lastimavel, proprias para comprometterem a capacidade e o criterio de Condeixa, se elle ao mesmo tempo não pintasse obras d'um estimavel e consistente valor; emquanto que, n'outras, a natureza surge-nos melancolicamente luctuosa, e os livres ares negrejam como na luminosidade escurecida, pestanejante, e mortiça, d'um principio de noite. Nos seus estudos de figura, Condeixa patenteia a disvelada correcção d'um artista — integro, que idolatra as miudezas subtis do desenho, e defende porventura a inviolabilidade dos contornos, agudamente accusados; e, fugindo das innovações perturbadoras, cultiva socegadamente uma commedida sobriedade de côr. Ah! que, se eu não temesse perpetrar uma phrase vehemente e arrojada, havia de dizer-lhe com desassombro que derramasse um pouco d'alma na sua paleta.

Um busto em bronze, valentemente feito; uma ventruda e cabisbaixa estatueta de creança *Amuada*, em gesso, modelada com presteza e segurança; e um grupo, redondamente infeliz, composto de dois magros rapazolas, cortados a meio corpo, que se contam abraçados uma *Historia divertida*, collocando-se, evidentemente, na mais desengonçada e incommoda posição para as expansões da hilaridade, taes são os unicos trabalhos novos de Moreira Rato.

Emfim, noto que o *amador* insinua se e cresce d'anno para anno, n'estas exposições, installa-se, toma posse. Que os do grupo do Leão se acautelem, contra esse invasôr surrateiro, mas terrivel! Em qualquer ramificação das artes, litterarias ou plasticas, o amador é o inimigo, o damninho bicho parasita, que enreda, fura, e estraga. E o falso entendedor, que tem opiniões perigosas e altaneiras, para uso das suas relações; é, misturado n'uma sociedade desprenida d'artistas authenticos, como era torpe verruga obscena maculando um corpo são; é um cogumello de má casta, assoberbante e venenoso; é uma peste, besta de destroço, um tropêço, um lacrau, um esgalracho, herva ruim!

Monteiro Ramalho.

AS NOSSAS GRAVURAS

BISMARCK NO REICHSTAG

A nossa gravura da primeira pagina representa o illustre chanceller da Allemanha, no *Reichstag*, n'uma das sessões em que a sua voz auctorisada se ergueu para fazer as revelações de paz ou de guerra, que toda a Europa hoje commenta nas mais desencontradas opiniões.

Effectivamente as palavras de Bismarck fallando de paz, ao mesmo tempo que pedia ao *Reichstag* que votasse o augmento do exercito allemão, deixam duvida sobre as intenções pacificas da Allemanha, tanto mais, depois do procedimento do imperador Guilherme que decretou a dissulução do Reichstag, por este lhe não votar a proposta do augmento do exercito, e mandou proceder a novas eleições.

Essas eleições são hoje o assumpto dominante, porque do resultado d'ellas depende, talvez, ou a guerra estrangeira entre a Allemanha e a França, ou a guerra civil no seio da propria Allemanha, cujos differentes estados de que se compõe, não estão em perfeito acordo com as idéas de guerra que se allimentam principalmente na Prussia.

E isto o que se deprehende da votação em contrario do *Reichstag*, e é isto que constitue a grande lucta do chanceller de ferro, nas novas eleições que se vão realisar.

Fazem-se circular os boatos mais aterradores com respeito ao rompimento de ostilidades entre a Allemanha e a França, e tudo isto tem por fim principal influir nas eleições que se preparam, afim de que o novo *Reichstag* seja favoravel as idéas de Bismarck, e por consequencia ás idéas do imperador Guilherme. Esta opinião é geral na imprensa Europea.

Emquanto na Allemanha se agitam estas idéas de guerra, a França conserva uma placidez aparente, em perfeito contraste com a Allemanha, o que não deixará de fazer o desespero de Bismarck do triumpho da sua causa.

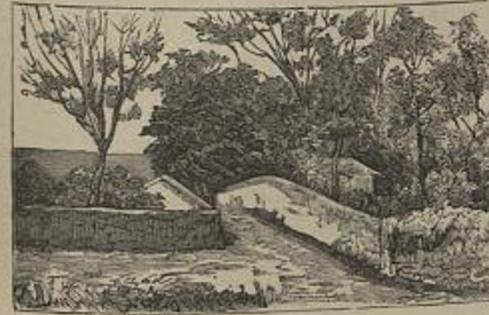
FONTES PEREIRA DE MELLO

II

O grande estadista, cuja morte a patria hoje deplora, nasceu em Lisboa no dia 8 de septembro de 1819, sendo filho do illustre official de marinha, João de Fontes Pereira de Mello, e de D. Jacynta Venancia Rosa da Cunha Mattos. Era assim apparentado com o famoso general e escriptor brazileiro Raymundo da Cunha Mattos. Seu pae nascera em Elvas, e chegou tambem, como adeante diremos, a ser ministro de Estado.

João de Fontes Pereira de Mello teve cinco filhos; Alexandre e João; Rodrigo, que falleceu victima de um desastre quando contava doze para quatorze annos; Antonio, que estamos agora biographando, e a ex.ma sr.a D. Maria Henriqueta de

Taruca, Carocho e Farrusca
Quadro de D. Bertha Ortigão, adquirido pelo sr. Oliveira Sampaio

Bosque de Mendon
Quadro de Condeixa, adquirido por Sua Magestade a Rainha

Ponte Velha, Portalegre
Quadro de H. Pinto

Na taberna
Quadro de J. T. Bastos

Uma cabeça de garoto
Quadro de Martins,
adquirido pelo sr. Henrique J. d'Assis

Praia da Nazareth
Quadro de Vieira, adquirido pelo sr. conde da Praia e de Monforte

Thomar, ... do Nabão
... Porto
Quad...

Na eira
Quadro de J. R. Christino, adquirido pela sr.ª D. Alice Monró Anjos

Retrato da menina G. Cabral
Quadro de A. Ramalho

Papoulas e botões de ouro
Quadro de D. J. E. Greno

Coelhos
Quadro de Gyrão

Canoa abicando á praia, Sado
Quadro de Vaz, adquirido pela sr.ª D. Alice Monró Anjos

Praia ... orvos, Seixal
... de Mélhão
...

Um pescador
Quadro de Condeixa

Arabe
Quadro de A. C. M. Greno

Andaluza
Quadro de Reis

Fontes Ganhado, que lhe sobreviveu, e que guarda no seu coração dilacerado por este pungentissimo golpe o eterno lucto e a eterna saudade do irmão estremecido.

Foi durante o periodo absolutista que o futuro ministro cursou os primeiros estudos, guardando na memoria a recordação das scenas horrorosas a que assistia, e que lhe iam accendendo no espirito o odio ao despotismo e o culto da liberdade. Seu pae, liberal no intimo do coração, cumpria o seu dever de soldado, anciando por que o não collocassem na contingencia de optar entre as aspirações da sua alma e os deveres da disciplina, que o mandavam obedecer aos seus immediatos superiores, sem discutir a causa que elles serviam. D'essas anciedades o livrou a entrada do exercito do duque da Terceira, que foi acolhido em Lisboa com indescriptivel enthusiasmo, não sendo dos que menos ardentes se mostraram essa criança de quatorze annos, que sentia pulsar no coração o amor da liberdade, amor que sempre conservou, como um culto sagrado, até ao ultimo dia da sua existencia.

No dia 24 de julho de 1833 entrára o duque da Terceira em Lisboa; vinte dias depois, no dia 13 de agosto, Fontes sentava praça de aspirante a guarda-marinha na companhia de que seu pae era commandante.

Lisboa, cercada pelas tropas miguelistas que refluiam do Porto, debaixo do commando do glorioso marechal Bourmont, chamava a defendel a todos os peitos que pulsavam pela liberdade. Pegavam em armas os velhos fatigados e as crianças imberbes. Fontes, que vestia com orgulho a sua farda de aspirante, não quiz ficar inactivo. O energico almirante inglez Napier concorreu com os seus marinheiros na defeza das linhas de Lisboa. Fontes sollicitou a honra de servir debaixo das suas ordens, e recebeu o baptismo de fogo no combate de 11 de outubro de 1833, que assegurou a inexpugnabilidade da capital. Quando nos lembramos porem que uma bala estupida e cega, atravessando o coração d'esse aspirante de quatorze annos, podia ter privado a patria de um dos seus filhos mais preeminentes, como que estremecemos. Mas a Providencia vela pelos seus escolhidos, e Fontes Pereira de Mello atravessou incolume essa tempestade de metralha.

Quando o exercito liberal e a esquadra liberal continuaram as suas operações, depois de libertada Lisboa, Fontes não continuou a servir. Só por excepção é que se permittira que os estudantes pegassem em armas, e seria uma imprudencia levar á ceifa dos campos de batalha a messe lourejante dos futuros servidores da patria. Voltando aos bancos das escolas, Fontes começou a frequentar a Academia dos Guardas Marinhas, sendo premiado no primeiro e no segundo anno, e approvado com distincção nos exames do terceiro anno, no Observatorio Astronomico. A lei não permittia que houvesse premios no terceiro anno, e foi só por isso que Fontes os não obteve. Effectivamente o futuro chefe do partido regenerador não foi só um estudante de primeira ordem, foi um estudante excepcional. Ha d'isso uma prova interessante. Em 1805 fôra instituido na Academia dos Guardas Marinhas um premio extraordinario para recompensar o merito relevantissimo. No espaço de trinta annos decorridos desde a fundação d'esse premio só tres estudantes o tinham alcançado. O primeiro fôra o pae de Fontes, do segundo não sabemos o nome, o terceiro foi o nosso biographado.

Consistia esse premio n'um sextante e em livros de navegação. É natural que esse sextante ainda exista, e guardal-o-ha de certo a familia com a veneração suprema que merece o primeiro objecto que recompensou os merecimentos do homem que foi depois cavalleiro do Tosão de Ouro. Entre esse humilde sextante, e o collar da ordem fundada por Philippe de Borgonha, e que quasi sempre adorna unicamente reis e principes, está uma vida inteira de gloria, de serviços e de triumphos.

Nas ferias de 1835, Fontes, obedecendo á praxe sensatissima que obrigava então os aspirantes de marinha a fazer viagens de instrucção, foi aos Açores e á Madeira a bordo do brigue *Fayal*, commandado pelo distincto official de marinha Cecilia Kol, que morreu sendo almirante. Fontes, que até ao fim da sua vida conservou uma grande predilecção pela marinha, fallava sempre com ufania e saudade d'essa viagem que fizera aos 16 annos, e que lhe merecera justos louvores, porque mostrára desembaraço e acerto na applicação á pratica das theorias que aprendera na Escola, o que nem sempre succedia nem aos melhores estudantes.

Mas o que dominava então no espirito de Fontes era o desejo ardente de saber. Nomeado guarda-marinha honorario depois d'essa viagem, foi em 1836 matricular-se voluntariamente na Academia de Fortificação. Em 1837 era nomeado guarda-marinha effectivo, e, como a Academia n'esse anno se reorganisára passando a denominar-se Escola do Exercito, e destinando-se a preparar officiaes para as armas scientificas, Fontes deliberou estudar o curso de engenheria militar, em que alcançou os mesmos triumphos que obteve no curso de marinha. No primeiro anno teve dois premios, no terceiro um premio honorifico.

Mas estava-se então n'aquelle grande movimento de renovação dos estudos superiores, que é uma das glorias da dictadura de Passos Manuel. Da mesma fórma que a Academia de Fortificação se transformára em Escola do Exercito, a Academia de Marinha (que não deve confundir se com a Academia de Guardas-Marinhas) transformára-se em Escola Polytechnica, e alli se inaugurava uma serie de cursos de um caracter perfeitamente moderno e pratico. Um d'esses cursos, e o que chamava mais a attenção, era o curso de mecanica, regido brilhantemente, mas debaixo de um ponto de vista nimiamente superior, por Albino de Figueiredo. Fontes foi logo matricular-se n'essa aula, sem deixar de frequentar a Escola do Exercito. Quarenta alumnos se tinham matriculado, mas as difficuldades do curso fizeram com que apenas seis lograssem fazer exame; um d'esses seis era o nosso brilhante guarda-marinha.

Ou porque suppozesse que a promoção no corpo de engenheria seria mais rapida do que na marinha, ou porque uma vaga presciencia o advertisse de que era em terra que devia fazer a sua carreira, Fontes, apesar do gosto que mostrava pela vida do mar, passou para o corpo de engenheiros em 1839, sendo logo promovido a tenente. Contava apenas vinte annos, e parecia que lhe estava reservado um brilhante futuro militar. Teve-o mas por caminho diverso. O pachorrento vagar das promoções por antiguidade que florescem no nosso exercito, fez com que o tenente de vinte annos aos quarenta fosse ainda capitão.

Em 1839 João de Fontes Pereira de Mello foi nomeado governador de Cabo Verde, e levou como ajudante de ordens seu filho, que o acompanhou sempre durante os tres annos de governo. É pasmosa a actividade que o nosso tenente alli desenvolveu. Visitou as ilhas todas, e o districto da Guiné, que era então uma dependencia de Cabo Verde, e então se revelaram tambem os germens do futuro estadista. As visitas que fez ás differentes ilhas e ao continente, as observações a que se entregou deram assumpto a um grande numero de relatorios, em que indicava o modo de desenvolver a prosperidade e a riqueza do archipelago, relatorios acompanhados de plantas que elle proprio levantára dos differentes portos. Começando a tentar em Cabo Verde em ponto pequeno o que dez annos depois levou a cabo no paiz inteiro, incitou seu pai a desenvolver as obras publicas na provincia. Planeou muitas, e começou a executar algumas, entre outras o Hospital da Misericordia da Villa da Praia.

Terminados os tres annos de governo, regressou seu pai ao continente, acompanhado não só pelo seu ajudante de ordens, mas por sua nora D. Maria Josepha de Sousa. O moço official deixára se captivar pelos encantos de uma gentil cabo-verdeana, filha do negociante Antonio de Sousa Machado, e prendera se aos vinte e um annos nos laços doirados de um casamento de amor. Era um rapido idyllio a que a morte não tardaria a pôr termo.

(Continúa) *Pinheiro Chagas.*

O infante D. Duarte e a Restauração de Portugal

(Concluido do n.º 290)

D. Duarte desejava que a patria despedaçasse as algemas insupportaveis que a prendiam; mas, a exemplo do duque D. Theodosio, seu pae, acreditava, e com rasão, que não tinha ainda soado a hora opportuna: nem então podia prevêr os acontecimentos que, dentro e fóra do paiz, occorreram, passado algum tempo, acontecimentos que a tornaram exequivel, e apressaram mais do que era de imaginar. Alem d'isto D. Duarte tinha vivido annos em Allemanha, onde a politica hespanhola influia poderosissimamente, o que não contribuiria pouco para lhe exaggerar as difficuldades de um commettimento contra a sua despotica soberania. Ah! de quão diverso modo procedera elle, se, em logar de vir a Portugal nos fins de 38, o houvesse feito anno e meio mais tarde, isto é, nos meiados de 40, quando a exasperação da nobreza e do povo os havia approximado reciprocamente, e quando, crescido o bando dos conjurados em numero e importancia, ia adquirindo cada dia novas forças a idéa da liberdade, unica estrada para sair com honra de tanto opprobio e aniquilamento, porque, inspirados aquelles grandes portuguezes pelo poder occulto e sobrenatural, que leva os heroes a commetterem feitos quasi impossiveis, tinham fé na sua estrella, e estavam decididos a ir ávante, embora os não quizesse acompanhar o duque de Bragança. Oh! então, estamos certos, elle escutaria a voz da patria, que lhe bradava pela bocca de tão amantes filhos, e com elles, e, como elles, desembainharia a espada gloriosa para defendel-a. Não permittiu, ainda mal, a sua e a nossa desventura, que assim acontecesse!

Contempla, pela ultima vez, ó nobre principe, esse Tejo que te leva ao oceano. Farta os teus olhos na formusura d'essa cidade, que se banha, e se mira nas suas aguas, esquecida de que foi a descobridora e conquistadora de grande parte do mundo, e agrilhoada ao poste da ignominia pela mão tyranna e sempre odiada do extrangeiro. Contempla-a bem, que nunca mais a verás! Breve raiará para ella o sol da liberdade, allumiando os seus templos e palacios, e acordando os seus filhos do longo somno da escravidão; tornará a viver feliz e senhora, posto não cinja de novo na fronte predestinada a corôa de rainha dos mares; será a côrte, como já foi, de reis portuguezes, e saídos da tua familia; e tu, embora esperes voltar ás suas praias, ajudal-a com a prudencia dos teus conselhos, e com o valor do teu braço, vel-a rainha, em vez de serva, e morrer, e ser sepultado na terra de teus paes, nunca, nunca mais tornarás a pizar as suas areias, e só de longe, do fundo de uma prisão, em paiz extranho, entregue aos seus e teus inimigos, sentirás o influxo dos raios da sua independencia, sem os poderes gosar, sem a poderes servir, e exhalarás o ultimo suspiro, lembrando te d'ella, no tumulo em que vivo te sepultaram, e que servirá de abrigo aos teus restos.

É lugubre esta pintura; e na verdade bem tristes foram os ultimos annos da vida do nosso infante! Resumiremos todas as suas desgraças n'algumas linhas, e n'estas se verá como elle, apesar das maiores contrariedades do destino, serviu efficazmente a causa portugueza.

Chegado a Allemanha, D. Duarte continuou militando no exercito imperial com os postos de sargento-general de batalha e de coronel do regimento de cavallaria, chamado da Banda Negra, e tomou parte distincta nas campanhas de 1639 e 1640, até que, approximando se o fim d'este anno, assentou os arraiaes de inverno em Leiphen, perto de Ulma. De repente soa a nova de que o imperador está sitiado em Ratisbona pelo atrevido general sueco Baner, o qual, aproveitando o descanso dos contrarios, e despresando os rigores do tempo, marchara inopinadamente sobre aquella cidade para se apoderar do soberano, assim como da dieta que alli funccionava, e D. Duarte lá corre a defendel o, sem saber que ia defender um ingrato, e na propria occasião em que já tramava a sua ruina. Desvanece-se o perigo; volta D. Duarte a Leiphen; e pouco depois recebe a noticia incerta, obscura, de que rebentara uma revolução em Portugal; que seu irmão fôra acclamado rei; e que a elle queriam prendel-o. Sem aviso algum do reino (triste consequencia da precipitação dos ultimos acontecimentos, do descuido dos seus, e da má vontade dos que lhe eram alli adversos), julgando os factos uma repetição dos tumultos d'Evora, cercado de inimigos, dirige-se a Ratisbona, para justificar-se; mas no caminho é preso, e, ao chegar, mettido n'uma estalagem, guardado de perto por soldados, e privado da maior parte dos seus servos. Queixa-se, e não o ouvem; protesta a sua innocencia, e não lhe attendem os protestos: Hespanha dominava poderosamente em Vienna, e preparara a sua perda, e fechara todos os ouvidos. De Ratisbona levam-o a Passaw; de Passaw a Gratz; de Gratz finalmente a Milão; sempre com escolta numerosa, sempre seguido e atormentado pelos satelytes dos ministros de Filippe IV. O imperador completara a sua perfidia, vendendo, entregando o principe portuguez, o seu generoso servidor, o seu parente, ao oiro, ou á influencia da côrte de Madrid; e desde esse momento dobrou-se o seu martyrio, ficou decidida a sua sorte! Clausurado na Roqueta, sita no mais interior da fortaleza de Milão, praça de guerra de primeira ordem, e bem apercebida, como principal baluarte dos hespanhoes no norte de Italia; mettido n'uns aposentos ao rez do chão, humidos e maos, condemnado á inactividade, privado de quasi todos

os familiares, guardado por duas sentinellas de vista, não só de dia, mas tambem de noite, e, requinte de malvadez inutil! reconhecido no proprio leito pelas frequentes rondas, com lanterna accesa, que lhe punham ao pé do rosto, perturbando-lhe a miudo o tão necessario descanso do somno, victima de mil terrores, perseguido pelas doenças, vilipendiado pelo tenente do castello, calumniado, privado da espada e das honras militares, privado do consolo espiritual do seu confessor, processado, convencido iniquamente do crime de lesa-magestade, ouvindo deprimir a cada momento a patria e o irmão, o nosso pobre infante viu correr os dias, os mezes, os annos, longos, monotonos, interminaveis, travados de algumas passageiras esperanças, desmaiados clarões sobre a tela negra e espessa dos infortunios, com a resignação do verdadeiro crente, e com a alma trasbordando de amor da terra natal, sentimentos que o acompanharam sempre no longo encarceramento, e que só lhe influiram milagroso esforço para supportar tamanha miseria. Debalde D. João IV, debalde os seus amigos, debalde muitos portuguezes procuraram libertal-o. Projectos de exito quasi seguro, rasoaveis, inexequiveis, tudo se tentou, baldou-se tudo, não serviu tudo senão para augmentar-lhe os soffrimentos! Só um bem, e grande bem, teve o infante n'elles: a correspondencia que manteve por meios mysteriosos e incriveis, durante sete annos, com algumas pessoas que o protegiam, sem jámais a descobrirem os hespanhoes; correspondencia valiosissima para o negocio da sua liberdade, e sobretudo por lhe proporcionar noticias da sua familia, e dos successos do seu paiz, habilitando o ao mesmo tempo a ajudal-o, de longe, e preso, com o juizo são e com a inteireza de caracter, que o distinguiam, no que não prestou poucos serviços ao reino. Impedido pela politica de Hespanha de combater á frente dos portuguezes; retido por Hespanha como refem, ou como futuro intermediario na pacificação dos rebeldes (assim ella nos chamava), do que não perdeu por muitos annos a louca idéa, o infante deixou-nos n'esta correspondencia a prova mais cabal de como taes esperanças a seu respeito eram insubsistentes, de quão intrinseco patriotismo ardia a sua alma, e principalmente de como teria corrido pressuroso ao chamamento dos conjurados, se a fatalidade, a incuria e a malevolencia não o tivessem deixado na escuridão mais completa ácerca dos acontecimentos que estavam para rebentar em Portugal.

Offerecendo-se occasião, eu virei d'onde quer que me ache, e não vos faltarei com o meu amparo, disse D. Duarte a Jorge de Mello, quando este lhe fallou em 38 em Lisboa. Sendo prevenido, D. Duarte não faltaria pois á sua promessa, e, irmão do soberano, amado pelo povo, general do exercito allemão, e aureolado pela fama obtida na celebre guerra dos *Trinta Annos,* seria certamente o primeiro heroe, e o primeiro caudilho da restauração de Portugal. Não o permittiu Deus; e o infante não teve remedio senão conformar-se á dureza do destino; porém, mesmo da sua prisão, guardado de perto, perseguido, ameaçado, sujeitando se a apanharem-o em flagrante crime de conspiração, d'onde lhe resultaria perpetuo encerro, ou talvez a morte, conseguiu communicar-se, graças ao entranhado affecto de algumas almas generosas, quer directa, quer indirectamente, com el-rei, com o secretario d'Estado, Pedro Vieira da Silva; com o marquez de Niza; Antonio Moniz de Carvalho; Christovão Soares de Abreu; Antonio de Souza de Macedo; Francisco de Souza Coutinho; João de Guimarães; Fernando Brandão; Nuno da Cunha; e Nicolau Monteiro; nossos ministros em França. Inglaterra, Hollanda, Suecia e Roma; e com os que residiam no congresso de Munster, então reunido para tratar da paz geral, Luiz Pereira de Castro, e Francisco de Andrade Leitão; e por meio d'essa correspondencia encaminhou muitas vezes os negocios, já apressando, já moderando, já reprovando a marcha que seguiam, e até, em mais de uma occasião, mandando aos ditos ministros, ou por o consultarem, ou independente d'isso, que não cumprissem as ordens de el-rei, por serem prejudiciaes. Nem ficou em tamanhos testemunhos de amor patrio o infante D. Duarte. Indignado pelas falsidades, que os hespanhoes espalhavam contra nós por toda a Europa, ao sabor do seu odio e da sua phantasia, determinou que os desmentissem; de maneira, que muitas das obras impressas então a este respeito se devem á sua iniciativa, e, ás vezes, mais do que á sua iniciativa, á sua penna, pois, não confiando todo o trabalho a mãos alheias, elle mesmo a furto, e incorrendo nos maiores perigos, conseguiu escrever apontamentos para serem refutados Caramuel, Chumacero, e Nicolau Fernandes de Castro, tres inimigos acerrimos da nossa independencia.

Na terrivel situação em que se achava o infante, quem poderia fazer mais do que elle em prol da restauração portugueza?

Para servir o seu paiz com a espada, ambicionou principalmente a liberdade. Não a podendo conseguir, viveu com elle e para elle no carcere, empregando n'elle a maior parte dos seus pensamentos. Quando uma vez lhe esgotaram a paciencia com desprezos e tyrannias, não duvidou, por causa d'elle, romper n'esta explosão do que ha tanto reprimia no intimo do peito, origem depois das suas maiores perseguições: «*pela minha patria daria mil vidas, se as tivesse!*» Emfim, vendo perto a hora extrema, com a alma ainda povoada da sua lembrança, e sentindo a morte quasi a fechar-lhe os olhos, imaginou que os seus restos inanimados poderiam gosar ao menos o que não pudera gosar em vida, e, deante dos que lhe assistiam ao transito fatal, e depois de fazer testamento, virou-se para o gran-chanceller do estado de Milão, e disse-lhe estas palavras, que foram as ultimas: — «*Desejo ser sepultado na minha terra*».

Ah! como te enganavas desgraçado principe! Hespanha negou a entrega do teu corpo, e quiz mercadejar com elle; Portugal, quando podia alcançal-o, esqueceu-se, e deixou-o nas mãos dos seus inimigos; e, quando, passados mais de dois seculos de indifferença, foi em sua procura, era tarde: os teus restos tinham sido ha muito lançados a qualquer canto, ou misturados com outros na valla do cemiterio!

J. Ramos Coelho.

OS DORIAS

Opera em 4 actos de AUGUSTO MACHADO

A formosa opera de Augusto Machado que tão grande successo alcançou ha noites no theatro de S. Carlos, teve ao principio um outro titulo; chamava-se *I Fieschi.*

Foi com este titulo que logo apoz o exito da *Laureana,* a sua primeira opera seria, Augusto Machado começou a escrever a partitura que tão festivo acolhimento acaba de receber.

Depois, um bello dia, encontramos os *Fieschi* chrismados em *Dorias.* Porque? Ao certo não sabemos, mas pode muito bem ser que por alguma razão bem futil, por um d'esses enguiços de theatro, a que muitos grandes artistas são sujeitos!

Fieschi e *fiasco* são duas palavras que euphonicamente vivem paredes-meias, e quem sabe se seria esta proximidade que motivou a chrisma.

Fosse como fosse ou pelo que fosse, o que é certo, é que a opera nascida *Fieschi* se apresentou ao publico com o nome de *Dorias* e com um *successo* tão brilhante que daria razão ao *enguiço,* se o merecimento real e enorme da partitura não tirasse todas as razões de ser aos receios do tal euphonismo.

O primeiro titulo, nem mais bonito nem menos feio do que o segundo, tinha porem sobre elle a vantagem de caber muito mais logicamente a um libretto, cuja figura dominante é *Fieschi* como o é tambem da tragedia de Schiller sobre que o libretto foi feito, e que tem até por titulo a *Conspiração de Fieschi.*

Mas não vale a pena ligar muita importancia a esta questão de titulo, que no fim de contas não tem nenhuma, porque os titulos são bons ou maus segundo as obras os fazem, e não ha titulo por melhor que seja que possa salvar uma peça, como não ha titulo por peor, que a possa matar, e sem procurarmos muito, temos, bem recente ainda, um exemplo frisante, a *Sociedade onde a gente se aborrece.*

O *librettista* que reduziu a tragedia de Schiller a poema d'opera foi o sr. Ghislanzoni, o librettista da *Aida.*

Sem ser com certeza um Scribe o librettista ideal, porque para isso os seus grandes defeitos d'auctor dramatico, esses defeitos que lhe valeram em toda a vida as criticas severas e violentas dos mais illustres litteratos de França, desappareciam totalmente, e só eram necessarias as suas poderosas qualidades de fazedor de peças, qualidades que lhe deram os maiores triumphos theatraes do tempo moderno, sem ser um poeta como o Arrigo Boito, o librettista do *Othello* de Verdi, um homem de theatro distinctissimo, notablissimo, como o é Henri Meilhac, como o é Ludovic Halevy, os dois auctores da *Carmen,* uma obra prima de libretto de opera, Ghislanzoni é hoje um dos melhores librettistas que ha ahi pelo mundo theatral e o poema dos *Dorias,* deixando muito a desejar, tem comtudo algumas situações interessantes, verdadeiramente theatraes, que o maestro poz em relevo com notavel vigor.

Augusto Machado é essencialmente um talento moderno, uma poderosa vocação musical educada scientificamente nos novos processos artisticos, tendo um altissimo ideal da sua Arte e uma levantada consciencia da sua missão.

É um artista serio, reflectido, intransigente com tudo o que são *ficelles,* não sacrificando nunca ao publico a sua idea, não se affastando nunca um passo do caminho da Arte como elle a entende, para vir buscar á banalidade, á convenção, um applauso.

É assim, e sempre assim foi, mesmo antes de se abalançar ás altas regiões do drama lyrico, em que o seu nome surdia já hoje glorioso.

Antes de ser acclamado em S. Carlos, Augusto Machado foi applaudido na Trindade, e ahi Machado poderia ter obtido ruidosos successos como *maestrino* se tivesse menos alta comprehensão da sua Arte, se quizesse transigir com o gosto do publico.

Quem faz o mais faz o menos, e ao auctor da *Cruz d'Ouro* teria sido facilimo tornar-se o *enfant gâté* das plateas lisboetas, lançando se nas trivialidades da opera burlesca.

Nas suas operetas o que prejudicava o *successo* não era a falta de talento, era a abundancia d'arte, a elevação d'estylo.

Mas Augusto Machado não transigia, era muito seriamente artista para isso, e como a opera comica a valer, a opera-comica-arte, se não pode implantar em Portugal, porque faltam para isso todos os elementos, a começar por executantes, não querendo descer, subiu, não querendo fazer opera burlesca, fez grande opera.

O bello exito da *Laureana* animara-o ha tres annos a continuar no caminho que encetara, o collossal *successo* dos *Dorias* prova-lhe agora que esse caminho fôra bem escolhido, e o *maestrino* que na Trindade tinha successos de estreia, é hoje o maestro glorioso acclamado triumphantemente no palco de S. Carlos.

*
* *

Nos *Dorias,* o maestro festejado da *Laureana* revelou-se sob uma phase nova do seu talento brilhante de compositor, phase que na *Laureana* apenas se entrevira — a phase dramatica.

A *Laureana* era quasi que exclusivamente uma opera comica, uma alta comedia musical. As poucas situações dramaticas do poema eram frouxas na partitura, a sua parte menos brilhante com certeza.

Nos *Dorias* Augusto Machado investe ousadamente com a musica dramatica, e triumpha completamente, como no grande duetto de tenor e soprano, no terceiro acto, em que paira como que um sopro d'inspiração meyerbeana, na conjura do segundo acto, e na *preghiera* do ultimo acto, que é uma verdadeira obra prima.

De todos os actos da opera o menos notavel é o primeiro.

Ha n'elle trechos de valor, como a entrada da soprano, o quarteto de tenor, barytono, soprano e contralto, e a canção bachica do barytono, mas o final do acto tem pouca grandeza, a musica fica muito áquem da situação, e principalmente a falta maior que encontramos n'este acto é no desenho musical do personagem de Fieschi.

É difficilimo de desenhar esse personagem, bem o sabemos, esse patriota heroico e original que occulta sob as exterioridades infames d'um devasso, d'um galanteador, d'um cynico, os seus planos de conspirador; a nós parecia-nos necessario que essa dualidade, que essas duas individualidades que ha em Fieschi se tornassem bem salientes, a falsa e a verdadeira, em vez de se apresentar apenas a primeira, como se apresenta, não se deixando a segunda adivinhar, se não em uma phrase rapida do final do acto

«Patria, patria! qual 'outa mi costi!
«Ma il leone si appresta a ruggir.»

phrase que desejariamos que fosse mais energicamente accentuada, e que se perde logo na bacchanal das mascaras, um contraste *manqué.*

O segundo acto é incomparavelmente superior ao primeiro.

No 1.º quadro ha um duetto de Dona com a mulher de Fieschi, que é bem feito; ha a romanza do tenor, a scena com o mouro, um personagem perfeitamente caracterisado na musica, e a magnifica conjura que termina o quadro, uma bella pagina musical de grande effeito dramatico e tratada magistralmente.

O segundo quadro d'esse acto é todo elle um primor, um primor de inspiração graciosa, de estylo elegante, de bellos e delicados effeitos theatraes.

É n'este quadro a *barcarola* de contralto, com respostas do côro de mulheres, que é adoravel de delicadeza, a scena de Fieschi e Julia, tratada no mais puro e gracioso estylo do genero, e o final, que é d'um effeito maravilhoso, originalissimo, apesar da sua extrema simplicidade.

Todo este quadro é uma perola do mais alto valor artistico, e bastaria para fazer a reputação e a fama illustre do seu auctor.

O terceiro acto abunda tambem em bellezas de primeira ordem, sobresahindo a todas o formoso duetto de Leonor e Fieschi, que já citámos, os bailados, escriptos deliciosamente com uma inspiração graciosa e ligeira, e que podem hombrear com os bailados mais bem trabalhados de Massenet, e que perdem por ventura um bocado do seu effeito por serem longos de mais, a scena de Fieschi e Julia, perfeitamente tratada na musica, e o concertante final, que é magnifico.

No ultimo acto há uma pagina soberba de musica, que é não só o melhor trecho da opera de Machado, mas um dos melhores trechos de musica moderna que conhecemos, a *preghiera* do soprano, que teve, alem do seu grande merecimento, a boa fortuna de encontrar uma interpretação excepcional em Helena Theodorini.

E eis aqui, rapidamente apontadas, as principaes bellezas da nova opera de Augusto Machado, opera d'um grande valor artistico, que representa um enorme progresso sobre todos os seus trabalhos anteriores, opera em que se accentuam brilhantemente as poderosas qualidades do seu grande e incontestavel talento, e que é não só uma gloria para Augusto Machado, como tambem uma gloria para a Arte portugueza, porque os *Dorias* não são já um ensaio feliz d'um compositor que principia, são a affirmação triumphante d'um maestro illustre que tem jus a um logar hônroso entre os mestres mais distinctos da musica contemporanea.

*
* *

O desempenho dos *Dorias* foi esplendido, graças não só ao talento e ás aptidões notaveis dos artistas encarregados dos principaes papeis, e dos maestros a quem foi incumbida a direcção da opera, mas tambem á extraordinaria boa vontade, ao grande e excepcional empenho com que elles se dedicaram a fazer triumphar a opera do nosso illustre compatriota.

E não era nada facil o desempenho dos papeis dos *Dorias*, porque todos elles teem muito que fazer, tanto musicalmente como dramaticamente.

Theodorini, a grande artista, foi assombrosa de talento em todo o seu papel, e, magistral como cantora, foi egualmente magistral como comediante.

Amelia Stahl, incumbida do papel de condessa Julia, offertou-lhe todo o encanto delicioso das suas graças de mulher, cantou-o muito bem, e representou-o com notavel galanteria e elegancia.

Valero foi magnifico em toda a opera, especialmente no *duo* do terceiro acto.

Dufriche interpretou com a sua alta consciencia artistica a parte difficil de Doria, e Vidal, o illustre baixo, no pequeno papel de mouro, mostrou mais uma vez essa eterna verdade de que não ha pequenos papeis para grandes artistas.

A orchestra executou magistralmente a partitura de Augusto Machado, e os coros houveram-se com um brio e uma unidade dignas de todo o applauso; estes, ensaiados primorosamente pelo maestro Bonafous, aquella, dirigida por Mancinelli com a proficiencia, o *entrain*, o fogo sagrado que o tornam um dos mais illustres directores de orchestra do nosso tempo.

Em summa, os *Dorias* foram um triumpho completo, um triumpho em toda a linha, para auctor e executantes, e tambem para o publico, que, victoriando com uma ovação excepcional, que se dareceu muito com uma apotheose, a obra de Augusto Machado, consignava brilhantemente, ruidosamente, a enorme victoria alcançada por um grande artista seu compatriota e pela Arte do seu paiz.

R.

SEXTO SALÃO DE QUADROS

UMA HISTORIA DIVERTIDA
Grupo em gesso por Moreira Rato

RESENHA NOTICIOSA

CONCERTO PELA REAL ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA. Teve logar no salão da Trindade, em a noite de 14 do corrente o 15.° concerto da *Academia de Amadores de Musica*, o que importa dizer que foi mais um triumpho para os destinctos amadores que a compõem. O concerto era composto de duas partes, a saber: primeira parte — Ouverture, *Poete et paysan*, de Suppé. *Moraima*, de Espinhosa. Romanza, *Ritorna vincitor*, da opera *Aida*, para canto, pela sr.ª D. Angela Kemp Serrão, de Verdi. Sevilhana de *D. Cesar de Bazan*, de Massenet. *Pizzicato des mandolines*, de Desormes, *Danças hungaras*, phantasia para violino pelo sr. Henrique Sauvinet, de Sarrazate; segunda parte — Ouverture da opera *Tutti in mas chera*, de Pedrotti. *Melodrame de Pinccolino*, andante, solo de violino. pelo sr. José da Costa Carneiro, de Godard. Arioso da cantata *Orientaes*, solo de baixo pelo sr. A. A. da Costa Mendes de Almeida, de A. Keil. Duetto para contralto e baixo da cantata *Orientaes*, pela sr.ª D. Marianna Bravo Montalvão e sr. Mendes de Almeida, de A. Keil. *Entr'acte*, de Dias. Marcha do *Propheta*, de Mayerbeer. Este programma foi todo executado com exepção, apenas, dos dois numeros das *Orientaes*, que, por subita indisposição do sr. Mendes de Almeida, foram substituidos por uma romanza e uma aria cantadas pela distinctissima amadora a sr.ª D. Mariana Bravo Montalvão. e uma valsa de Deroze, pela sr.ª D. Angela Kemp Serrão, sendo calorosamente applaudidas. Esta ultima senhora foi tambem alvo de outra ovação, cantando, com acompanhamento de orchestra e de um modo primoroso, a romanza *Ritorna vincitor*, da *Aida*, que foi bisado. A primorosa execução das *Danças hungaras* valeram ao distincto violinista-amador, sr. Henrique Sauvinet, muitos applausos. O sr. José Carneiro, distincto violinista, tocou notavelmente o solo do *Melodrama de Pinccolino*, sendo muitissimo applaudido Entre os trechos executados pela excellente orchestra de amadores, regida pelo sr. Filippe Duarte, tornou-se mais notavel a ouverture de *Poete et paysan*, a sevilhana de *D. Cesar de Bazan*, o *Pizzicato des mandolines*, e o *Entre acto*, de Dias

BECLARD. Falleceu em Paris Mr. Beclard decano da faculdade de midicina de Paris. Mr. Beclard nascera em Paris a 17 de desembro de 1818 e era filho do celebre anatomista do mesmo nome. É uma grande perda para a sciencia da physiologia principalmente, porque Beclard cultivava esta sciencia superiormente e o seu *Tratado Elementar de physiologia humana* é um dos livros classicos da medicina.

ENVENENAMENTO PELO BACALHAU. Apparecem em algumas revistas de medicina estrangeiras, noticias sobre envenenamento pelo bacalhau, que muito convem saber. Millet observou casos de intoxicação resultantes do bacalhau vermelho. Este bacalhau apresenta uma côr avermelhada, mais insistente ainda na espinha dorsal, os tecidos desfazem-se facilmente com qualquer fricção, e o cheiro é desagradavel denunciando decomposição.

SARAU GYMNASTICO. O *Real Gymnasio Club Portuguez* deu em a noite de 18 do corrente mais um sarau gymnastico, que foi mais uma festa brilhante e de propaganda gymnastica, com que muito tem a lucrar a educação physica da mocidade portugueza. Tomaram parte nos exercicios gymnasticos, alem de alguns socios do gymnasio, os alumnos da *Escola Academica* e do *Collegio Arriaga*. Os primeiros d'estes alumnos executaram differentes exercicios nas *parallelas*, saltos de vara e exercicios de trepar. Os segundos apresentaram varios exercicios elementares de gymnastica, executados com uma precisão que maravilhou os espectadores. Foram todos justamente applaudidos, no que coube uma boa parte ao professor Monteiro, que dirigiu os exercicios, mostrando mais uma vez a sua competencia, e os bellos resultados dos seus discipulos. Depois dos exercicios gymnasticos, seguiu-se o baile até ás 4 horas da manhã. Foi uma festa distincta e deslumbrante que o *Real Gymnasio Club Portuguez* realisou, e que muito honra a sua digna direcção, á frente da qual se acha o sr. João Xafredo, um dos mais distinctos gymnastas.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Moda Illustrada, publicação da casa editora David Corazzi, Lisboa. Continua este esplendido periodico de modas a sua publicação regular, duas vezes por mez, sendo o ultimo numero sahido o 196 de 15 do mez corrente. É a melhor publicação de modas que apparece em Portugal e que além de concorrer vantajosamente com as publicações francezas de egual indole, tem a vantagem de ser escripta em portuguez.

Chapelleria Universal, figurinos em phototypia das ultimas novidades de inverno, publicado por Victor Coutinho & C.ª, fornecedores da casa real, Porto.

Bibliotheca do Povo e das Escolas, David Corazzi, editor, Lisboa. n.° 141, *Copa e Cosinha formulario extrahido de um manuscripto conventual e coordenado* por Antonio de Macedo Mengo. N'este pequeno livrinho de cosinha vê-se que a cosinha portugueza é recheada de bons petiscos e que não tem inveja ás estrangeiras. Quem quizer certificar-se d'esta verdade compre o volume da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, e verá que não somos exaggerados.

TYP. ELZEVIRIANA.—Rua do Instituto Industrial, 23 a 31 — Lisboa.